



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Telex—Lisboa—Telefones

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A ORDEM É... DAR PARA BAIXO

## Ressuscitam-se os processos do regime sidonista

Apenas há dias no poder, o governo do coronel Baptista—governo de Ordem, como cabotinamente se rotula—tem dado já mais que as provas necessárias a demonstrar que só sabe promover conflitos.

Em poucos dias de poder, regista já no seu activo os seguintes feitos:

Mandou encerrar, sem motivo justificado, as sedes das associações do pessoal maior e menor dos correios, da construção civil, dos metalúrgicos, as secções dos Sindicatos Únicos destas duas últimas indústrias e também as sedes da C. G. T. e da União dos Sindicatos Operários;

tem mandado assassinar o povo com as metralhadoras, as espingardas e os cavalos da guarda republicana, bastando para isso que qualquer pessoa—homem, mulher ou criança—assome a uma janela;

tem mandado prender, sem motivo, como se fazia no tempo do dezembrismo, muitas dezenas de operários, os quais são mandados encerrar, como se de vadios se tratasse, nos lobregos calabouços do governo civil e nas casas-matas do forte de Monsanto;

tem agravado, mercê da sua curteza de vistas, as greves em trânsito, movimentos que a esta hora podiam estar honrosamente solucionados.

Agora esta obra, que extraordinariamente se assemelha à do dezembrismo, o governo da Ordem resolveu um problema—o do pão, encarecendo-o

### ORDEM!

Mais uma vez este vocábulo, já seduzido, serviu de justificação para guindar as cadeiras do poder um grupo de políticos.

Mas desta vez essa palavra, de sentido já obsoleto, — tanto dela se tem abusado, — tanto a que nela mais se tem demonstrado serem os seus maiores desrespeitadores, — foi repetida com uma obsessão tão estúpida, tão insignificante, que nem sequer conseguiu arrancar um sorriso de escárnio aos mais desdenhosos dos cidadãos.

Ordem pública, ordem pública, ordem pública... realmente, que insignificante, que rele!

Mas ordem pública para quê?

Para que um rancho de reconhecidas nulidades brinque aos ministros.

Mas ordem pública porque?

Porque, se não há sossego, o papão ali do lado pode vir e acabar com a maldade a tantos e tantos meninos bonitos, que, agarrados avidamente às tetas da mãe-pátria, querem que ela seja uma madrastra para os seus concidadãos.

Ordem pública... para que os traficantes da finança, do comércio, da indústria, da política, de toda a enxada capitalista, enfim, possam continuar a tripudiar vilmente, transformando uma população laboriosa e pacífica numa multidão de desesperados famintos, Ordem pública... Mas como podem amar a ordem aqueles que só à desordem devem o ter sido alguém nesta terra, aqueles que, só devido à desordem político-económica em que se debate o país, devem o serem suas insignificantes pessoas, guindadas a situações sociais, em que figuras cheias de prestígio e, sem dúvida, com certa competência falharam em toda a linha.

Viva a desordem, devia antes ser o lema.

A ordem será alguma coisa de elevado quando ela representar a base da vida da colectividade, quando ela constituir o modo de ser do agregado humano, quando ela não representar o privilégio dum grupo em detrimento do outro. Enquanto ela for a organização para sujeitar uma parte dos homens à exploração de outros homens, a ordem é uma mentira, e não pode ser respeitada, porque é a desordem mascarada, pois que então a desordem é a lei que rege a sociedade.

Ora, é esta a ordem que a tiro e a coronhada se pretende impor à população escarnecida e esfaumada do país, defendendo-se assim tácitamente a cor-

de de gatinhos e assassinos que pelo assombroamento e pelo constante aumento do custo da vida, conseguem rapidamente fazer grandes fortunas, rindo provocadores dos protestos exaltados dos consumidores, porque contam com o apoio dos governantes, rindo escarnejando das medidas governamentais que em nada a afectam, e que só servem para lhe dar tempo ao exercício do roubo, porque os governos címplices cáem em breve trecho ante a resistência passiva da quadrilha assombardada.

É assim que se tem feito o deserdito das medidas contra a carestia da vida, deserdito que fere profundamente a república, facto que parece incomodar os que se dizem seus defensores, pois que continuam a dar todo o apoio da força armada aos que da finança, da indústria e do comércio fazem a terrível gazua que tem reduzido o povo à fome desesperadora.

Até hoje ainda não foram adoptadas, contra os causadores da situação angustiosa que se vem atravessando há anos, medidas sérias, eficazes e energéticas.

A energia, a violência, tem sido só usada contra os roubados que, tomados de desespero, protestam mais rudemente. Para esses é que se tem aberto as portas das prisões para encarcerar os seus gritos de dor e revolta; para esses é que se tem aberto, a tiro, as valas dos cemitérios.

Os ladrões, os assombardadores de todas as categorias, esses continuam zombando dos governos de que fazem seus lacaios, e rindo dos consumidores espoliados porque as espingardas e metralhadoras da força pública lhes garantem a impunidade criminosa.

A ordem jamais poderá ser restabelecida pela violência.

A vitória da força bruta é sempre uma vitória passageira. A força bruta e destruidora provoca sempre uma reacção muito mais potente, que é constituída pela associação de todos os elementos que ela pretende esmagar, e que de um momento para o outro se erguem e fazem baquear estrondosamente o que parecia onipotente e inatacável.

Isto é da história: as mais poderosas tiranias tem liquidado miseravelmente. De nada lhes tem servido o cego e odioso apoio das baionetas para manter a ordem, a famigerada ordem, que tem servido de escudo à defesa dos privilégios dos assombardadores de todos os tempos.

### ODIO VERMELHO.

#### Expediente sedição

Registam-se as prisões de operários, a maior parte deles detidos sem um motivo plausível, outros por que exercem a sua actividade no movimento sindicalista, como componentes das respectivas associações.

E a imprensa burguesa, quasi unanimemente; essa imprensa que, com uma postura indignação, censurou o sidonismo por praticar violências perfeccionistas—só com a diferença de serem dirigidas contra republicanos—quando não incita o coronel à prática de tais arbitrariedades, defende-as, justifica-as, como se de coisa a mais natural se tratasse. Podia calar-se, que já era uma figura regularmente indigna de homens que presam a sua opinião. Mas faz pior: aplaude.

Fique, porém, o coronel sabendo e a imprensa que o defende, que possibilidade não há de encerrar nas prisões da república todos quantos trabalham na organização sindicalista—porque são legítimos. Tampouco logrará o coronel enviar para a África todos os militantes sindicalistas, porque quando uns são atingidos logo os seus postos são ocupados por outros. E a provar que nada consegue é que, a despeito de ter mandado prender os tais agitadores, na disposição de que as greves assim terminariam, estas mantêm-se e não terão termo senão quando tiver a irreductibilidade dos representantes das corporações opostas.

Entre os operários ora presos, encontram-se os nossos camaradas Alfredo Lopes e Francisco Viana, membros do

comité da C. G. T., atingidos por uma arbitrariedade policesca, como todos os restantes.

Tem esses camaradas contra si o ódio dos governantes? Não há dúvida. Mas também contam com a nossa solidariedade e com a confortante solidariedade do operariado organizado.

**NA ALEMANHA**

A revolução espartaquista ganha terreno

Corpus Praga, correspondente de El Sol, de Madrid, telegrafa ao seu jornal:

ROMA, 18.—Pode falar telefonicamente com Munich.

Da capital de Baviera transmitem-me a impressão de que o conflito entre republicanos e monárquicos passou a segundo plano ante a revolução comunista, que alastra nos centros principais da Alemanha.

A ameaça dos espartaquistas foi a verdadeira causa da demissão de Kapp e Lüttwitz. Estes aporiarão agora o governo de Ebert contra «Spartakus».

Na Alemanha haverá ainda dias de violência e sangue.

#### As grandes medidas...

Segundo uma nota da Arcada, a comissão encarregada de fixar o preço das ramos e do açúcar refinado, é de parecer que o açúcar escuro poderá ser vendido ao público a \$40 o quilograma e o branco a \$20.

Vamos ter para o açúcar o que já existe para o pão: uma habilidosa tangerente para os vigaristas do comércio poderem dar largas à sua espoliadora acção. Como vai suceder, e já sucede com o pão, sucederá amanhã com o açúcar: o de \$40 não aparecerá no mercado e o desgraçado consumidor terá de comprar o de \$20, que deixa uma muito maior margem de lucros aos industriais e comerciantes.

Como se vê, as boas intenções dos governantes para baratear a vida vão dar excelentes resultados para os assombardadores.

### NEM PALAVRA TEEM!

#### Quem são os provocadores?

Conforme é do conhecimento dos nossos leitores, ficou solucionada, no sábado, a greve das camaradas da indústria mobiliária, em virtude dos respectivos industriais terem atendido as reclamações do sindicato operário, que por tal motivo ordenara a volta ao trabalho para ontem.

Não sabemos, porém, se no intuito de pacificar — são muito pacificadores os nossos industriais! — parte dos senhores que no sábado tinham chegado a acordo com os operários, reuniram na noite de anteontem na Associação Industrial e parece que tomaram resoluções de carácter bélico, porque ontem, nas oficinas, quando os respectivos assalariados se apresentaram, negaram-se a cumprir o acordo que ficara estabelecido, atitude esta que, logicamente, levou os operários a abandonar de novo o trabalho.

É claro que a imprensa venal aparecerá amanhã a dizer que os operários são uns marotos e que os tais industriais mobiliários, que mostram não ter carácter, são umas excelentes pessoas. E' o costume!

O caso é que as autoridades, com aquele espírito de justiça que nos lhes reconhecemos, no intuito de favorecerem os secretos desígnios dos cavalheiros, tratam de prender os militantes operários da indústria mobiliária, conforme se conclui da seguinte carta que um deles nos acaba de enviar e na qual se mostra que resuscitou o dezembrismo, uma vez que a policia, como então, já agrediu os presos a cavalo-matrimônio:

Caro Vieira:—Hoje, cerca de 1 hora, a policia de agitação do Estado, na Assa de me prender, cercou a casa onde eu estava, minha mãe, que já se estava a descansar. Seguidamente, entre violentas e insultos, queriam obrigá-lo a uma mulher a dizer onde eu estava, ao que eu respondi não saber do meu paradeiro visto eu já não residir.

Uma vez dentro de casa e depois de uma rigorosa busca, onde foi tudo revistado, numa das dependências encontrava-se um irmão de meu cunhado detido, que, por não responder imediatamente a uma pergunta dos esbirros, foi a cavalo-marinho, selvaticamente agredido, e em presença dos nulos resultados prenderam meu irmão, que depois de alguns protestos da vizinhança, foi solto.

O mais interessante é que os militantes da indústria mobiliária estão todos presos, excepção da minha pessoa e de Santos Arraújo, isto depois da nossa greve ter terminado, como sabem, no último sábado.

Alfredo Marques.

Sabemos que, além do signatário da carta, que é o secretário geral do S. U. I. M., foram presos na noite de anteontem, e presos se conservam, entre outros, os operários da mesma industria José Martins Grilo, António Marvão e António de Oliveira.

Está provado: os operários é que são os desordeiros...

### C. G. T.

#### Nota officiosa

O comité confederal, a despeito de estar encerrada a sua sede, tem reunido regularmente e tem-se ocupado dos acontecimentos, havendo tomado todas as medidas necessárias para neutralizar as perseguições governamentais exercidas contra a organização.

Tem acompanhado de perto as decisões da pseudo-confederação patronal e constata que toda a sua acção é exercida junto das autoridades, posto que aquele organismo não possui acção própria de valor.

O comité confederal apreciou uma nota da Arcada, publicada nos jornais da noite, segundo a qual o governo pensa em encerrar os sindicatos operários, e, conjuntamente com outros elementos estranhos à classe operária organizada, prender e deportar os militantes.

No primeiro caso, dado que tais intenções sejam reais, a organização, por serem encerradas as suas sedes, não deixará de existir, embora secretamente, e de se manifestar sempre que se torne necessário.

É, quanto ao segundo caso, o comité confederal tomou já medidas tendentes a fazer-se substituir tantas quantas vezes a tal seja forçado pela perseguição policial ou governamental, de modo a não virem a sofrer os restantes organismos na sua crescente intensificação.

### OS CRIMES DA GUARDA

#### UM ASSASSINATO CRUEL

A versão dos jornais burgueses não concorda com os factos

Anteontem chegára-nos aos ouvidos que, na rua do Garcia, ao Arco do Carvalhão, um cabo da guarda republicana assassinara uma rapariga de 16 anos. Não costumamos fazer afirmações gratuitas, e como se tratava de um caso gravíssimo, nada quizeamos dizer aos nossos leitores sem termos a certeza absoluta do que se havia passado. Enviámos, portanto, ontem—procedendo neste caso como procedemos com o misterioso caso ainda não esclarecido, dos Barbadinhos—um dos nossos reporteiros ao local do crime a fim de apurar tudo quanto de verdade acontecera.

Disseram os jornais que o conflito fora gerado pelo lançamento de uma bomba explosiva, dando também, acerca do caso, pormenores absolutamente falsos, que naturalmente lhes foram enviados pela policia.

No entanto, o que várias testemunhas—cujos nomes apontamos e que estão prontos a fazer as suas afirmações perante a justiça, e, além destas, testemunhas, uma legião imensa, de populares que perto do local habitam—presenciaram é muito diverso do que se relatou por aí.

O princípio do caso pouca importância tivera

Um indivíduo, cujo nome não conseguimos apurar, ao sair, acompanhado de sua mulher e os filhos, de uma taberna, conhecida pelo nome de «Carvoaria do Eduardo», como viesse um tanto embriagado, soltou alguns vivas a monarquia. Passava nessa ocasião o cabo n.º 116, da 1.ª bateria de artilharia da guarda republicana, que intimou o bábado a não continuar com aqueles gritos, querendo levá-lo preso por tal motivo. A mulher implorou ao guarda que não lhe prendesse o marido, fazendo-lhe ver que, estando ele embriagado, não tinha consciência do que dizia. Também o rapazito, de nome José de Almeida Figueiredo, quiz convencer o guarda a não prender o desgraçado chefe de família.

Foi nesse momento que o marinheiro João Correa—marinheiro de facto, ao contrário de que dizem alguns jornais—chegou perto do local onde se travava a discussão, interessando igualmente junto do guarda para que este desse, como era justo, liberdade ao pobre diabo. Por isso a discussão entre o cabo e o marinheiro se azeitou, temendo sempre o primeiro em levar o homem preso. Excitado, correu ao quartel de Campolide, a fim de trazer—como aconteceu—uma força da guarda para tratar deste caso tão simples.

Entretanto a mulherzinha caía com um ataque de nervos.

A questão complica-se—A força que chegara, portou-se com correcção

Efectivamente, pouco depois, uma força da guarda republicana chegava, comandada por um 2.º cabo, a fim de prender o marinheiro, que também estava um pouco embriagado. Encontraram-no no momento em que a mãe do referido marinheiro e um seu irmão, chamado Paulo Correa, tentavam levar para casa João Correa, o marinheiro.

O cabo que comandava a força agarrou também, pacificamente, o marinheiro, a fim de o conduzir a casa, tendo este caído, enquanto sua mãe diligenciava levantá-lo.

O cabo n.º 116—o que desejava a todo o traço—prender o marinheiro e o tal chefe de família—tanto um como outro atordoados pelo vinho, gritou para Paulo Correa:

—Ou você foge ou o matou!

Respondendo-lhe Paulo, o irmão do marinheiro, que preferia que o matassem a deixar ali sua mãe e o irmão.

Foi nesta ocasião que alguém disparou um tiro, estabelecendo-se grande borborinho, dando isto ocasião a que o marinheiro fugisse.

Os guardas republicanos, alarmados, fizeram alguns tiros para o ar e o referido cabo 116 começou então a correr e a ameaçar toda a gente de pistola em punho.

Como foi praticado o crime—Uma rapariga morta e outra ferida

Elvira Pereira e Celeste dos Anjos, ante o barulho e o tiroteio, fugiram pela rua do Garcia, até à porta n.º 63, que se encontrava fechada, e que per-

tence a uma mercearia dum indivíduo chamado Juliano, pedindo para dentro que abrissem a porta, a fim de se livrarem dos tiros.

Correu para elas o cabo n.º 116 (há deste facto dezenas de testemunhas) e desfechou então, à queima-roupa, sobre as pobres raparigas, alguns tiros de pistola.

Uma das balas atingiu Elvira Pereira na região frontal, atravessando-lhe o crânio e fazendo-lhe saltar os miolos, que se estamparam na porta, e outras foi atingir Celeste dos Anjos, ferindo-a também.

O assassinato foi verdadeiramente ignóbil; porquanto a rapariga ia a ajoelhar-se, pedindo para que não a matassem, não tendo o assassino contemplado pelo sexo nem pela pouca idade da jovem, pois a rapariguita contava apenas 16 anos.

Em seguida o assassino correu para outra rapariga, de nome Maria Emília da Conceição, apontando-lhe a pistola.

Não tendo, porém, disparado, naturalmente porque ela, chorando, lhe disse: —Se quer matar-me, mate-me... Faça-me como as outras!

O pai da morta espancado—O assassino passou ontem várias vezes ao sítio, de pistola em punho, provocadoramente

Quando José Pereira, pai de Elvira Pereira, a assassina, ia a entrar em casa, foi-lhes pelos guardas, impedida a entrada. E pelo facto de dizer: «Não hei de ir ver uma filha que me mataram?», foi barbaramente espancado pelo assassino, ficando bastante confuso, cujas contusões está pronto a mostrar as entidades que tenham obrigação de chamar o referido cabo à responsabilidade.

Não sabemos também porque motivo o cabo—antes de ter morto a pobre Elvira—acompanhado de um indivíduo, que levava o destintivo da Cruz Vermelha.

Parcece que o ignóbil assassino fagala das suas acções ferozes, porquanto, ontem, isto é, na manhã seguinte ao assassinato, andou passeando pelo local do crime, de pistola em punho, —quem sabe se na intenção de provocar alguém para praticar outras honrosas façanhas.

E ainda uma fera destas à solda, quando muitos desgraçados, pelo grande crime de pedirem pão, são enviados para a África!

São verdadeiros crimes o que nestes últimos dias a guarda republicana tem praticado. E os criminosos andam regaladamente em liberdade.

O cabo n.º 116 não é preso depois de fazer o que fez o caso dos Barbadinhos continua num mistério cada vez mais suspeito. A todo o momento chegam a esta officina protestos do povo contra os selvagens, porém, nós apenas pômos a n.º aqueles casos que conhecemos e sobre os quais podemos fazer afirmações concretas e irretratáveis.

Observaram o facto de anteontem, na rua do Garcia, José de Almeida, Alto dos Sete Moínhos; Florinda da Conceição, rua do Garcia, n.º 7, 2.º; Lucinda da Silva, na mesma rua, n.º 20, 2.º; Artur de Sousa Tavares, Alto dos Sete Moínhos, 3, e ainda grande número de populares que estão dispostos a prestar todas as declarações.

As bombas foram lançadas duas horas depois dos acontecimentos

Não intuito de desculpar o cabo assassino ou de justificar uma atitude injustificável, disseram os jornais que todos aqueles acontecimentos tiveram origem na explosão de uma bomba, o que é falso, porquanto toda a vizinhança nos afirmou que o estampido se ouviu pelas 22 horas, ao passo que as selvagerias da guarda decorreram durante o dia, pelas 19 e meia horas, e que o tiro lançado as tais bombas?

Uma busca passada ao bairro

Ontem de manhã a policia passou uma busca pelas habitações daquele sítio, não sabemos com que intenção.

Não encontramos armas nem coisa que se parecesse.

Apenas alguns números da Bandeira Vermelha foram encontrados, sendo os seus possuidores presos.

E na casa de Carlota Maria, onde o marinheiro da armada n.º 5267, José

### EM FACE DO PATRONATO

#### Corporações em luta

##### Construção civil

Foi brilhante a demonstração que se seguiu às xixotestas ameaças produzidas pelas últimas notas do governo vincente a publico com o fim desmoralizar o operariado desta industria.

A paralisação, ontem, continuou sendo o mais homogénea possível, não se tendo dado ainda qualquer defeção que pudesse sequer ao de leve tirar o brilho à manifestação que vem de produzir-se em prol das reclamações dos operários das classes da construção civil.

O dia de ontem marcou bem o espírito de justiça de que estão animados todos os operários, porquanto a demonstração foi clara e concludente. Que atentem bem nisto o governo e todas as entidades de quem depende a solução do conflito.

Haja um pouco de bom-senso e procure-se de facto entrar no campo das soluções práticas. Este é o melhor caminho, o contrário é manter uma situação que não é desejada pelos operários e que pode trazer graves consequências.

Atentem nisto os que com a sua intinsigência respondem às reclamações justas dos que trabalham.

##### Adesões

A comissão de negociações recebeu mais as seguintes adesões às reclamações feitas:

De Lisboa: José Inácio, construtor; Carlos Alberto Rodrigues, construtor diplomado; Liberato Teolentino da Costa, construtor.

De Linda-a-Pastora: João Luís Alves, construtor diplomado; Artur Augusto Afonso, proprietário; José Bazalisa construtor.

Nas secções de Lisboa e Arredores

Dos arredores chegaram-nos comunicados que o movimento, no dia de ontem, foi mais uma bela afirmação dos operários da construção civil, porquanto ninguém se apresentou a trabalhar, como consta das seguintes notas:

CONCELHO DE OBRAS—Nesta localidade o dia de ontem marcou, como os anteriores de luta, uma bela disposição para a conclusão a que pretendemos chegar—o triunfo completo das nossas reclamações. Ninguém se apresentou nos trabalhos.—O comité local.

PARADE—Nesta localidade e arredores, apesar de quasi todos os mestres e proprietários terem já assinado as reclamações de aumento de salário, os operários continuam ainda em greve por espírito de solidariedade para com os seus camaradas de outras localidades, esperando resoluções definitivas do comité central. As reuniões tem sido largamente concorridas, esperando todas que a solução do conflito se não tardará esperar.—O comité local.

EM CASCAIS—Realizou-se uma importante sessão, com a presença dum delegado da Federação, tendo sido votado um protesto contra as violências do poder, encerrando a sede da Federação Nacional, como se isso pudesse influir para o desarmamento dos operários, que cada vez se mostram mais dispostos para prosseguir no caminho trilhado. Aqui o moral dos grevistas é optimo.—O comité local.

TIRES—Prosegue a greve hoje, como nos dias anteriores, não se registando desânimos, tudo espera ordens do comité central. Viva a greve geral!—O comité local.

EM SINTRA E EM MONTELEVAR—Continua a greve ainda sem solução pela irreductibilidade do patronato, que, cada vez com mais casmurrices, se mostra pouco preocupado com a gravidade da situação. Falhos de inteligência, estes senhores não sabem medir as consequências do seu procedimento. Porém, nós continuamos firmes, certos de que a justiça está pelo nosso lado.—O comité local.

dos Reis, está hospedado, segundo afirma a dona da casa, a policia não foi muito correcta na busca, porquanto arrastou uma mala do dito marinheiro, apreendendo a quantia de 25500, que estava embutida num jornal, deixando apenas uma caixa que continha cob-

##### Nota officiosa

Salve, operários da construção civil! A vossa altura, de ontem vem encerrar o vosso comité, a quem destes mais uma vez a força precisa para continuar a luta. A vossa demonstração de ontem é bem a afirmação da consciência que nos une estreitamente. Não arredaremos pé das nossas reclamações.

Nem numa obra, nem numa officina, ninguém apressa para trabalhar! Não seremos de nada a ameaça xixotesta do governo, de que despedia tudo. E porque acouteço assim? E porque em nós se afirma uma vontade inquebrantável, uma energia decidida em ir até ao ultimo extremo.

Que prova mais queramos o governo e o patronato da nossa irreductibilidade? Quando uma classe se afirma assim, não há a direito de se duvidar da sua força e da sua energia.

Não somos arrogantes; pelo contrário, somos razoáveis. Desejamos um pouco da sua intinsigência o governo e o patronato, que nos sabem conter temporizor. O dia de ontem devia merecer um pouco de atenção, aqueles que pensavam que nos submeteriamos.

E' assim que se luta; é assim que se demonstra a vitalidade dum classe. Comparem as comissões por freguesias e obras trilhadas, das 11 às 13 horas, receber novas instruções a sede da Associação dos Manufatureiros de Cascais.

As adesões que nos vêm chegando, são uma prova de que a maior parte dos verdadeiros mestres de obras e proprietários não estão concordes com a atitude de medo da zia de mestres, patrões e industriais, que querem jogar com a nossa atitude em prejuizo dos verdadeiros construtores e patrões. Aquelles que querem os resultados da zia de mestres, patrões e industriais, que querem jogar com a nossa atitude em prejuizo dos verdadeiros construtores e patrões. Aquelles que querem os resultados da zia de mestres, patrões e industriais, que querem jogar com a nossa atitude em prejuizo dos verdadeiros construtores e patrões.

Os amigos jornais que publicam as nossas novas e noticias não são A Batalha, O Combate, a Vanguarda, a Situação e a Vanguarda.

As camaradas Luta! como até aqui, que a vitória não se fará esperar.

Viva a greve geral!

##### O comité central

Prosegue com a energia do primeiro dia, a greve dos operários extraordinários do tabaco, não só nas fábricas de Lisboa como no Porto. A reunião de ontem assistiu um delegado vindo ontem mesmo daquela cidade e que deu conta de uma conferência ali realizada com um representante do commissariado dos tabacos. Os grevistas manifestaram mais uma vez o desejo de prosseguir na luta até completa satisfação das suas reclamações, sendo o seu moral excellentissimo.

A comissão de negociações deve avistar-se hoje com o ministro das finanças, para o que tem uma entrevista marcada. Hoje reúnem novamente os grevistas para tomar conhecimento dessa demarche, às 14 horas predias.

—A comissão central angariadora de donativos regista com satisfação a solidariedade operária manifestada desde o dia 12 do corrente, solidariedade essa manifestada em diversas quotas não só tiradas em sessões de sindicatos, como em outros locais, como officinas e fábricas, etc, e que atingiram já a importância de 414543,5, da qual foi distribuída em partes iguais aos mais necessitados e a 113 cartilhas, a quantia de 347500. Mais regista esta comissão a oferta feita por um anónimo, de 1.500 quilos de batatas e 60 quilos de bacalhau, que serão distribuídos aos inscritos mais necessitados, que receberão 5 quilos de batatas cada um e bem assim a parte de bacalhau que lhes competir. A restante batata será dividida em partes iguais aos restantes grevistas que assim o queiram. Esta distribuição tem lugar na rua do Vale de Santo António, das 13 às 17 horas, ficando por esta forma avisados os interessados.

A assembleia protestou contra as violências governamentais à organização operária e também contra a prisão dos militantes operários, que estão sendo perseguidos e conduzidos às infestas prisões desta reacção republicana.

##### Nota officiosa

Com energia, coragem e tenacidade prossegue o movimento do pessoal extraordinário dos tabacos em Lisboa e Porto. Há 10 dias que esta classe abandonou o trabalho para fazer valer as suas reclamações de aumento de salário dada a precária situação em que se encontrava. Nada a tem feito demover do propósito em que se encontra de lutar por um pouco mais de pão.

A angustiosa situação desta classe é muito grande devido ao regime de esmagamento a que tem estado sujeita dentro das fabricas. E porque não estava disposta a morrer de fome dentro das mesmas fabricas, foi a razão porque resolveu



